

**ANTÔNIO TORRES**  
**ROTEIRO SENTIMENTAL**  
**DE UM LEITOR**  
**DE JORGE AMADO**

[linguagens.ufba.br/2022/amado-torres.pdf](https://linguagens.ufba.br/2022/amado-torres.pdf)

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL

Os livros eletrônicos da **Coleção E-Pocket**, conforme o título já indica, têm como característica o tamanho reduzido, similar aos menores livrinhos de bolso.

No caso presente, o formato *e-pocket* foi desenvolvido para ser lido, com todo conforto visual, em smartphones e outros equipamentos com telas de tamanho diminuto.

Daí a denominação, que foi concebida juntamente à primeira publicação da série, por se tratar, de fato, de um minilivro eletrônico para caber no bolso.

ROTEIRO SENTIMENTAL  
DE UM LEITOR  
DE JORGE AMADO

Editora Universitária do Livro Digital  
**e-book.br**  
Organização e layout de Cid Seixas

[linguagens.ufba.br](http://linguagens.ufba.br)  
[linguagens.ufba.br/2022/amado-torres.pdf](http://linguagens.ufba.br/2022/amado-torres.pdf)  
[issuu.com/ebook.br/docs/amado-torres](http://issuu.com/ebook.br/docs/amado-torres)

Antônio Torres

ROTEIRO  
SENTIMENTAL  
de um leitor de Jorge Amado

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL

*Coleção*  
e-pocket

CONSELHO EDITORIAL:  
Cid Seixas (UFBA|UEFS)  
Francisco Ferreira de Lima (UEFS)  
Gildecide Oliveira Leite (UNEB)  
Itana Nogueira Nunes (UNEB)  
Contatos:  
cidseixas@yahoo.com.br

Tipologia: Times New Roman 12  
Formato: 10 x 17 cm.  
32 páginas | Janeiro de 2022

---

# ALTAS TORRES DA CRIAÇÃO

---

O escritor Antônio Torres traçou este belo roteiro sentimental para que todos nós – leitores de dois grandes autores baianos, o primeiro, Amado, surgido no início do século XX, e o segundo, o nosso altíssimo Torres, nascido para as letras nos idos dos anos setenta – pudéssemos acompanhar o percurso da sua fala durante o II Webnário Estudos Amadianos: 20 anos de permanência.

Organizado por iniciativa do professor Gildeci de Oliveira Leite, o evento teve lugar no mês de outubro de 2021, com participação de estudiosos locais, nacionais e internacionais.

O depoimento de um mágico, criador de lobos nas terras do Junco, foi um dos pontos altos do evento, quando Torres revelou as circunstâncias do seu primeiro contato com Jorge Amado, destacando a generosidade como um dos traços marcantes da personalidade do maior escritor da saga cacauzeira.

Daí a concepção deste livrinho eletrônico de bolso, como registro de um momento de convergência entre dois escritores baianos de repercussão mundial.

Espero que o encantamento do leitor diante do texto de Antônio Torres seja o mesmo que todos nós experimentamos, quando da sua fala.

Salvador, janeiro de 2022

*Cid Seixas*

---

# ROTEIRO SENTIMENTAL

## de um leitor de Jorge Amado

---

Leitores foi o que nunca faltou a Jorge Amado neste país e no mundo, que dirá na sua Bahia, sabemos todos. Mas acredite. No ano de 1957 ainda havia em Alagoinhas, cidade situada numa indistinta divisa entre o recôncavo e o sertão baianos, a cerca de míseros cem quilômetros da capital, um jovem leitor que sequer havia visto um livro dele. Até aparecer na festeira terra da laranja, da Micareta e das folias juninas um sujeito esquisitão vestido como quem ia à missa.

À maneira de um Federico Fellini, *amarcord*. Eu me recordo. Era um dia qualquer, sem nenhuma solenidade religiosa ou social

programada. Nenhuma posse de prefeito ou um evento no Lyons ou no Rotary, uma noite de gala nos seus clubes dançantes, coisas assim, que exigiam apuro nos trajes. Com toda probabilidade, ele, o tal transeunte enfatiado, havia desembarcado na Estação da Leste, ou seja, da Viação Férrea Federal do Leste Brasileiro. Devia até ter chegado no “Marta Rocha”, assim chamado por ser o mais bonito de todos os que circulavam entre Salvador e Alagoinhas, e vice-versa. Seja lá qual tenha sido o meio de transporte que o trouxera, sua presença só iria ser notada no momento em que ele atravessou a bela praça J. J. Seabra – a das árvores artisticamente podadas em forma de pássaros -, em uma hora de pouco movimento, sem cumprimentar ninguém nem ser cumprimentado.

Seria aquele estranho um caixeiro-viajante? – perguntavam-se os hoteleiros, cada qual ansiando pela primazia de hospedá-lo. Não demorou muito para todos o perderem de vista, ao dobrar de uma esquina. Também logo se saberia que ele vinha do Rio de Ja-

neiro, para passar a morar ali na casa da sua mãe, originária de Sergipe. O que dava asas às confabulações: por que aquele distinto cavalheiro trocava a efervescência da capital federal pela vida pacata em uma longínqua cidade interiorana? Coisa boa não devia ter deixado para trás. Vai ver era um comunista em busca de refúgio em um lugar onde a polícia nem sonhasse onde ficava.

Mas não. Naquele ano de 1957, em plena era JK, respirávamos bons ares democráticos. Tivesse ou não um passado nebuloso, o homem misterioso – a começar pelo nome, Carloman Carlos –, que ao chegar provocara interrogações, tinha em seu destino um emprego no único ginásio da cidade, para ensinar Geografia, surpreendendo os seus alunos pela intimidade com que falava das serras da Mantiqueira, do Mar, dos Órgãos, do Pico da Bandeira e que, aos poucos, revelaria outros domínios, da Matemática à Literatura.

Não fiquei lhe devendo apenas a descoberta de rios, lagos, mares, continentes, ca-

pitais e países do mundo. Nem lhe sou eternamente grato pelo seu esforço para que eu não fosse derrubado numa prova final por equações e figuras geométricas. Mais que tudo, devo ao grande mestre Carloman Carlos Borges a minha formação de leitor ou, melhor dizendo, a minha descoberta da modernidade literária brasileira, no que, por óbvio, se inclui a obra de Jorge Amado.

– Para começar a gostar dele, comece com este – disse-me o professor Carloman, passando-me um exemplar já bem manuseado do *Mar Morto*, dando-me uma semana para devolvê-lo. – Quando se começa a ler Jorge Amado, não se para mais – completou ele, com a convicção de quem sabia o que estava dizendo.

Dito e feito. O *Mar Morto* foi atravessado, de ponta a ponta, numa noite.

Logo na primeira frase de um prólogo encantador – “Agora eu quero contar as histórias da beira do cais da Bahia” – , Jorge Amado leva o seu leitor em ondas, o envolvendo entre as labutas e sofrimentos dos seus

marinheiros, e o prazer da leitura de um texto amoroso, memorável. Já no segundo parágrafo daquela página inicial, o leitor que ora vos escreve se encontrava pela navegação em frente:

*Vinde ouvir estas histórias e estas canções. Vinde ouvir a história de Guma e Lívia, que é a história da vida e do amor no mar. E se ela vos parecer bela, a culpa é dos homens rudes que a narram. É que a ouvistes da boca de um homem da terra, e dificilmente um homem da terra entende o coração dos marinheiros. Mesmo quando esse homem ama essas histórias e essas canções, e vai às festas de dona Janaína, mesmo assim ele não conhece todos os segredos do mar. Pois o mar é mistério que nem os velhos marinheiros entendem.*

Imagine o encantamento que a leitura das linhas acima causou em quem havia nascido

num lugar onde nem rio havia. Nunca dantes eu tinha lido nada, em prosa, que me provocasse tamanho arrebatamento. O texto de Jorge Amado parecia uma versão contemporânea da poesia de Castro Alves, aquele que eu queria ser, quando crescesse, até porque, como rezava a lenda, o nosso mais querido poeta de todos os tempos era bonito pra danar e dava muita sorte com as mulheres. Mas agora outro imenso valor se alevantava diante dos meus olhos. Alguém que escrevia num idioma bem acessível aos mais comuns dos leitores e o que fazia (e faz) o encanto desse idioma era (e continua sendo) a sua humaníssima fala baiana, tão cheia de musicalidade, lirismo, malemolência, tempero, sensualidade. E o que dizer de sua multifacetada galeria de tipos humanos?

Em êxtase, passei uma noite em claro, para, ao amanhecer do dia, chegar ao final do *Mar Morto*:

*Estrela matutina. No cais o velho  
Francisco balança a cabeça. Uma*

*vez, quando fez o que nenhum mestre de saveiro faria, ele viu Iemanjá, a dona do mar. E não é que ela vai agora de pé no Parque Voador? Não é ela? É ela, sim. É Iemanjá quem vai ali. E o velho Francisco grita para os outros no cais:*

*– Vejam! Vejam! É Janaina!*

*Olharam e viram. Dona Dulce também olhou da janela da escola. Viu uma mulher forte que lutava. A luta era seu milagre. Começava a se realizar. No cais, os marítimos viam Iemanjá, a dos cinco nomes. O velho Francisco gritava, era a segunda vez que ele a via.*

*Assim contam na beira do cais.*

O professor Carloman ficou surpreso com a devolução tão rápida do livro que ele havia me emprestado. E logo passou ao segundo empréstimo: *Capitães da Areia*, também lido sem pestanejar, e devolvido num piscar de olhos. Com os devidos agradeci-

mentos, o dispensei de me passar outro. Ao ver que a única livraria da cidade (chamava-se São Jorge) tinha todos os livros de Jorge Amado, de *O país do Carnaval* aos 3 volumes de *Os subterrâneos da liberdade*, criei coragem e pedi crédito ao seu proprietário, o amável senhor Teófilo Maciel. O meu desejo serviu-me de fiador. E, no ato, me tomei o feliz proprietário de uma livraiada, a ser paga em suaves prestações, tão a perder de vista que o primeiro pagamento só foi feito três meses depois, quando voltei das férias escolares.

E assim, numa rede de uma casa de roça, lá em Sátiro Dias, a quinze léguas de distância de Alagoinhas, entreguei-me à leitura de tudo o que faltava ler de Jorge Amado, o que se tornaria assunto de conversa nas minhas idas ao povoado, onde iria encontrar outro entusiasmado leitor dele, o João Escrivão, homem de muitos saberes, que viera de longe.

Coincidentemente, naquele mesmo período regressara àquelas paragens uma len-

da viva da nossa gente, que eu nunca tinha visto por lá. Trata-se de um filho nativo que ali regressava coberto de glórias por ter participado da Segunda Guerra Mundial. Reformado como tenente da Marinha, ele vinha a ser meu parente, e próximo. Recordo-o a adentrar a igreja, num domingo de missa, chamando a atenção de todos não só pelo seu porte avantajado, mas, principalmente, por apresentar-se em uniforme de gala, cheio de medalhas no peito. E por ali foi ficando a bestar pelas bodegas, nas quais todos os bêbados lhe batiam continências pelas suas proezas nos mares.

Esse personagem não entra aqui por acaso. Deu-se que ele acabou sabendo que eu andava lendo Jorge Amado. Resultado: acusação. Consequência: inquérito familiar. “Quer dizer que esses livros que você anda lendo sem parar são de um comunista? E dos mais descarados, conforme o Tenente garante, e jurando por essa luz que nos alumia?”

Com a boca cheia de autoridade, não necessariamente literária, o glorificado Tenen-

te havia garantido mais: que Jorge Amado, além de não ter fé em Deus, como todos os comunistas, era um despudorado, capaz de fazer corar até os mais safados dos adultos. E, com certeza, nunca tinha sido visto numa missa. A religião dele era o candomblé, cruz credo! Em resumo: eu estava indo por um mau caminho, seguindo um mau exemplo. Só restou à minha mãe me botar contra a parede: aqueles livros estavam mesmo me afastando da lei de Deus?

Naquele momento o filho mais velho de Dona Durvalice e seu Irineu, um fiel casal sertanejo acima de tudo católico, apostólico, romano, tinha nas mãos o *ABC de Castro Alves*, a mais amorosa das biografias que alguém no mundo já havia sido capaz de escrever, pensava ele, embora pouco ou nada entendesse do assunto. Credite-se tal arroubo ao fascínio com que ele lia as histórias que Jorge Amado contava do poeta dos escravos. Em defesa daquele que os fiéis da Santa Madre Igreja, fazendo o sinal da cruz, chamavam de *comunista*, o que consideravam

“farinha do mesmo saco” dos *crentes* e dos *africanos*, achei que o melhor a fazer era ler para a minha mãe algumas linhas do livro cuja leitura fora interrompida pelo arrebatado sermão que um marinheiro que aproveitava o seu ócio remunerado para combater à sombra, derrubando uma garrafa de cerveja atrás da outra, lhe soprara aos ouvidos.

Voltei à página em que havia parado, e li um parágrafo para ela. Se não me falha a memória, foi este a seguir:

*Amiga, mais forte, mais poderosa e mais bela que a voz maviosa do poeta que canta em São Paulo é a voz que chora nas senzalas do Recife. Porque não há nada mais belo do que a voz do povo. E o gênio é aquele que a interpreta, que lhe dá forma, o que vai na frente de todos os que clamam. No Sul, cantavam, no Norte ele ia começar a clamar o seu clamor, gritos e apóstrofes de vingança, ameaça e profecia, seria o mais lindo canto do seu tempo”.*

Não precisei ir além de um parágrafo para ver nos olhos da minha mãe que os poderes da escrita de Jorge Amado eram mais fortes do que os da tropa de choque anti-comunista que a cercava.

– É assim que ele escreve, mamãe. A senhora acha que alguma dessas palavras que acabei de ler é contra as leis de Deus?

– O que acho é que ele escreve bonito como um corno – ela disse, me contemplando com uma boa risada. E nunca mais fez qualquer censura ao que eu estivesse lendo, seja de que autor fosse.

Anos à frente uma recordação daquela temporada numa casa de roça a ler um livro Jorge Amado atrás do outro me daria um romance.

Não me lembro o exato dia e o ano em que isso aconteceu, mas, com certeza, foi na década de 1980, quando estava morando em Copacabana e trabalhava no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, e um dia resolvi ir almoçar em casa, coisa que raramente fazia, pois geralmente almoçava perto do local do

trabalho, para não perder muito tempo no ir e vir. A lembrança inspiradora aconteceu logo depois do almoço, quando me estirei num sofá para descansar um pouco e, ao fechar os olhos, fui remetido a uma cena ocorrida em São Paulo, quando lá cheguei pela primeira vez, de mala e cuia.

Era uma manhã de janeiro de 1961, e eu acabava de acordar num hotelzinho no centro da cidade, ao pé da Ladeira da Memória, onde me hospedara, na noite anterior. Da sua porta, avistei uma escadaria, à direita, e decidi avançar por ela, que levava à Rua da Consolação, onde, logo em frente, estava a Biblioteca Mário de Andrade. Encaminhei-me para ela, a recordar-me de dois versos de Federico García Lorca usados por Jorge Amado na epígrafe de *Os subterrâneos da liberdade*, que eu havia lido justamente naquelas férias escolares de 1957. Se não me falha a memória, eram estes os versos de Lorca: “Buscaba el amanecer/ e el amanecer no era”.

Entrei na biblioteca já sabendo o que buscar nela. À sua entrada, vi uma moça sentada a uma mesa e a ela me dirigi para lhe perguntar onde ficava a estante de poesia. Era uma das primeiras à minha frente, ela disse. Poucos passos adiante, dei com os olhos num livro, imagine de quem? Sim, dele mesmo, Federico García Lorca! E traduzido por Manuel Bandeira. Feliz com o achado, ali, de pé mesmo, abri o livro num poema intitulado “Balada da pracinha”, cuja lembrança, anos depois, e em outra cidade, parecia soprada por uma musa inspiradora, a me sussurrar: “Aí tem um romance”.

O resumo desse episódio: Jorge Amado me levou a Lorca, que um dia me levaria ao mote para escrever *Balada da infância perdida*.

Este aqui:

*Canta os meninos  
na noite quieta;  
arroio claro,  
fonte serena!*

*OS MENINOS**Que tem teu divino**Coração em festa?**EU**Um dobrar de sinos,**perdido da névoa.*

Saí da Biblioteca Mário de Andrade com esses versos na cabeça. E grato a Jorge Amado por ter me levado a García Lorca. Ao bater perna pela cidade adentro, acabei esbarrando em uma livraria a céu aberto, numa das calçadas que levavam a um dos seus cartões postais, o Viaduto do Chá. E dali iria seguir portando dois alentados volumes, em capa dura. Um, contendo todos os romances de Rachel de Queiroz; no outro, os de José Lins do Rego. Como já havia lido Graciliano Ramos, também graças aos beneditos empréstimos do professor Carloman Carlos Borges, agora a tropa de choque do romance nordestino se completava para dar uma grande força à minha formação de leitor. Um leitor que continuaria a ler Jorge

Amado onde quer que estivesse. E que, de tanto lê-lo, e a tantos outros, acabaria por se tomar um escritor, que, já na sua estreia, receberia as bênçãos de São Jorge dos Ilhéus.

Esta é a história:

Rio de Janeiro, 12 de dezembro 1972

Já estava aprontando a mala, para uma rápida ida a São Paulo.

O telefone tocou.

Ao atendê-lo, reconheci a voz de um amigo paulista chamado Oswaldo Assef.

– Fala, turco!

– Tenho duas notícias para você. Uma boa e uma ruim – disse ele.

– Então comece pela ruim.

– Para o seu azar, Jorge Amado vai fazer aqui uma noite de autógrafos do seu novo livro, *Tereza Batista Cansada de Guerra*, no mesmo horário da sua. Como qualquer lançamento dele enche de gente, o seu pode ficar às moscas.

– Agora conta a boa, turco!

– Leia o *Estadão* de hoje.

Fui em frente, à cata da boa notícia. Ao chegar ao aeroporto Santos Dumont, procurei, e achei, o jornal *O Estado de S. Paulo*. E lá estava, na página 10 do seu primeiro caderno, uma matéria supimpa sobre os dois lançamentos, o do baiano universalmente consagrado e o do seu conterrâneo estreante, ilustrada com as capas de *Tereza Batista Cansada de Guerra* e de *Um cão uivando para a Lua*, este, do tal já devidamente avisado de que se preparasse para um fracasso. E que, ao se encaminhar para o avião, achou que de maneira alguma aquela seria uma viagem perdida. A julgar pelo espaço que lhe coubera no poderoso *Estadão*, e logo ao lado de quem, a ganhara, por antecipação.

São Paulo, mesmo dia.

Cheguei à livraria que estava sendo inaugurada no Largo do Arouche às cinco e trinta da tarde. Já estava tudo pronto para a noite de autógrafos combinada. Dirijo-me a um balcão e me apresento. O gerente da livraria me cumprimenta, desmanchando-se em sor-

risos e salamaleques, como se acabasse de apertar a mão de uma estrela. E logo descubro a razão de tanto entusiasmo com a minha chegada: antes de ir para a livraria da sua própria noite de autógrafos, Jorge Amado passara ali, naturalmente movido pela matéria do *Estadão*. O mais surpreendente: ele havia comprado o meu livro, que deixou com o livreiro, pedindo-lhe para enviá-lo naquela mesma noite ao hotel onde estava hospedado, assim que eu o autografasse. Também deixou um bilhete para mim, lamentando que a coincidência de horário o impedisse de me dar um abraço pessoal, e deixando o seu endereço em Salvador, para que eu o procurasse, quando fosse lá.

Acabou que foi o autor consagrado a procurar o estreante, no Rio, o que marcou o início de uma longa amizade, com encontros para almoços e jantares naquela cidade, e também na Bahia e em Paris, e telefonemas, telegramas e cartas, sempre com palavras de incentivo àquele seu leitor que passara a privar de uma convivência jamais ima-

ginada, e sendo tratado como um colega de ofício digno de suas atenções.

Salve, Jorge! Gratidão eterna por ter existido, por ter escrito tudo o que escreveu, assim como por ter feito o bem pôde aos seus pares, à Bahia, ao país, ao mundo.

Como atesta uma página do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro de 19 de abril de 1997, intitulada “Memória”, na qual foi reproduzida uma notícia que fazia 50 anos naquela data, e transcrita a seguir:

*Teoricamente comunista, mas sobretudo humano, o deputado baiano Jorge Amado fazia na Câmara dos Deputados um apelo comovente, transmitindo o sentimento de escritores e intelectuais das classes teatrais e circenses, no sentido de ser amparado por uma pensão oficial o artista circense Benjamin de Oliveira, então com 71 anos e quase cego. Encaminhou à Mesa um projeto autorizando pagar mensalmente ao artista uma*

*pensão de 1 mil cruzeiros. (Negro, autodidata e pobre, Benjamin de Oliveira foi palhaço, ator, cantor, instrumentista e em seus 84 anos de vida – 1870/1954 –, havendo mambembado por todos os toldos e lonas que levaram sua alegria e encantamento aos adultos e crianças de mais de seis estados brasileiros. Amigo pessoal de Floriano Peixoto que, escondido, frequentava o circo para aplaudi-lo, Benjamin de Oliveira por mais de três gerações inovou e criou dentro de sua arte, parodiando operetas e dramas teatrais, como o **Othelo** de Shakespeare ou **A Viúva Alegre** de Franz Lear. Nos intervalos cantava lundu, chulas e modinhas de Catulo e dele próprio. Foi – segundo o próprio – o grande inspirador de Grande Otelo).*

Reconheça-se mais, e sempre, que Jorge Amado foi o capitão de longo curso de uma navegação que levou a literatura brasileira a mares nunca dantes navegados por

qualquer autor de língua portuguesa. “Poucos ficcionistas dominaram tão completamente a arte de inventar gente” – escreveu Augusto Nunes no “Jornal do Brasil” de 5 de agosto de 2006, prosseguindo: “Os personagens do escritor baiano, inspiradores de ilustrações magníficas, transformaram o leitor em diretor de elenco. Além de nome, têm cores e cheiro. Têm até corpo e rosto. Às vezes, existem. Gabriela, por exemplo, tem cor de canela, cheiro de cravo e virou gente com o nome de Sônia Braga. A fusão começou na novela da TV Globo. Consumou-se no filme de Bruno Barreto”.

Tenho dito.

Tipologia: Times New Roman 12  
Formato: 10 x 17 cm.  
32 páginas | Janeiro de 2022

linguagens.ufba.br  
linguagens.ufba.br/2022/amado-torres.pdf  
issuu.com/ebook.br/docs/amado-torres

“Cheguei à livraria que estava sendo inaugurada no Largo do Arouche às cinco e trinta da tarde. Já estava tudo pronto para a noite de autógrafos combinada. Dirijo-me a um balcão e me apresento. O gerente da livraria me cumprimenta, desmanchando-se em sorrisos e salamaleques, como se acabasse de apertar a mão de uma estrela. E logo descubro a razão de tanto entusiasmo com a minha chegada: antes de ir para a livraria da sua própria noite de autógrafos, Jorge Amado passara ali, naturalmente movido pela matéria do *Estado*. O mais surpreendente: ele havia comprado o meu livro, que deixou com o livreiro, pedindo-lhe para enviá-lo naquela mesma noite ao hotel onde estava hospedado, assim que eu o autografasse.”

*Antônio Torres*

# ROTEIRO SENTIMENTAL DE UM LEITOR DE JORGE AMADO

O escritor Antônio Torres traçou este belo roteiro sentimental para que todos nós, leitores dos dois grandes autores baianos surgidos no século XX, pudéssemos acompanhar o percurso da sua fala.

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL